

**O FASCISMO EXPLICADO PELOS FILMES “A ÁRVORE DOS TAMANCOS”,
“GERMINAL” E “1900”: ASCENSÃO IDEOLÓGICA NO BRASIL**

**EL FASCISMO EXPLICADO POR LAS PELÍCULAS "EL ÁRBOL DE LOS TAMANCOS",
"GERMINAL" Y "1900": ASCENSIÓN IDEOLÓGICA EN BRASIL**

**THE FASCISM EXPLAINED BY THE FILMS "THE TREE OF TAMANCOS",
"GERMINAL" AND "1900": IDEOLOGICAL ASCENSION IN BRAZIL**

Luciano Ferreira Rodrigues Filho¹

Resumo: Este artigo utiliza dos filmes “A árvore dos tamancos”, “Germinal” e “1900”, para traçar a história da ascensão fascista, como ideologia de estruturação da burguesia dentro dos Estados capitalistas. Os filmes abordam questões sociais do campesinato na Itália e o início das formações sindicais na França, contribuindo para a transição feudal para o capitalismo. O artigo está estruturado com referências de Marx que comprovam este direcionamento histórico na luta do proletariado contra sua condição de vida. Por fim, faz-se um paralelo com o movimento social e político dos filmes para basear a crescente ideologia fascista no Brasil neste início de século XXI.

Palavras-chave: Fascismo; Ideologia; Capitalismo; Brasil.

Resumen: Este artículo utiliza las películas "El árbol de los tamancos", "Germinal" y "1900", para trazar la historia de la ascensión fascista, como ideología de estructuración de la burguesía dentro de los Estados capitalistas. Las películas abordan cuestiones sociales del campesinado en Italia y el inicio de las formaciones sindicales en Francia, contribuyendo a la transición feudal hacia el capitalismo. El artículo está estructurado con referencias de Marx que comprueban esta dirección histórica en la lucha del proletariado contra su condición de vida. Por último, se hace un paralelo con el movimiento social y político de las películas para basar la creciente ideología fascista en Brasil en este inicio del siglo XXI.

Palabras clave: Fascismo; Ideología; Capitalismo; Brasil.

Abstract: This article uses the films "The tree of wooden clogs", "Germinal" and "1900", to trace the history of the fascist rise, as the bourgeoisie structuring ideology within the capitalist states. The films address social issues of the peasantry in Italy and the beginning of trade union formations in France, contributing to the feudal transition to capitalism. The article is structured with references to Marx to prove this historical direction in the proletarian struggle against their living conditions. Finally, it is a parallel with the social and political movement of the films based on the growing fascist ideology in Brazil at the beginning of XXI century.

Key-words: Fascism; Ideology; Capitalism; Brazil.

Dai à vida toda a vossa actividade, toda a vossa fé, todo o abandono sincero e desinteressado das vossas melhores energias. Mergulhai ainda, criaturas vivas, no vivo e palpante futuro humano, até vos sentirdes um bloco com ele, até o receber todo em vós mesmos e sentir a vossa personalidade átomo de um corpo, vibrante partícula de um todo, corda sonora que recebe e transmite todas as sinfonias da história que vos sentis de contribuir e criar. Não obstante este abandono completo à realidade ambiente, não obstante esta ligação do vosso individuo ao jogo complicado das causas e feitos universais, sentis de improviso o sentido de qualquer coisa que vos falta, necessidades vagas e dificilmente determináveis, aquelas necessidades a que Schopenhauer chamava metafísicas.

Antonio Gramsci
(1916)

Introdução

Este artigo tem como foco a ascensão fascista no início do século XX como movimento de estruturação do capitalismo, suprimindo as lutas dos movimentos proletários e fundamentando uma “ditadura burguesa”. Com a análise desde a Revolução de 1848 até a II Guerra Mundial pelas vias no campesinato apresentado em três filmes, pretendemos entender o processo histórico da formação ideológica e da transição do feudalismo para o capitalismo que constitui a ideologia fascista.

A questão é complexa, por isso será explorado três filmes que contribuem para esta passagem histórica. O primeiro filme é “A árvore dos tamancos” relatando a vida nas comunidades feudais, ainda com o senhor feudal e o camponês. Este filme descreve a convivência e a reprodução social pautado em uma relação de poder, no trabalho manual e numa economia pautado na troca.

O segundo filme, “Germinal”, aborda o surgimento da tecnologia, em plena revolução industrial, com a saída do homem do campo para compor as grandes indústrias. Ocorrendo a mudança do senhor feudal para o patrão industrial, mantendo, a certo ponto, a relação de submissão e poder.

O terceiro filme, talvez o mais importante, faz a transição feudal para o industrial, com os paradigmas sociais na passagem dos conglomerados feudais e burgos para a construção de um Estado. Nesta história surge o fascismo como movimento social sustentado pela burguesia, com a ideologia de uma identidade nacional pautada na relação patrão e empregado.

No primeiro e terceiro filme são apresentadas as realidades da sociedade italiana, seja ela os conglomerados feudos, seja o Estado italiano já constituído. Porém, importante esclarecer que o surgimento do fascismo na Itália, assim como o nazismo na Alemanha são movimentos idênticos, ambos abordam a constituição de Estados capitalistas, conforme percebido por Marx na primeira edição do livro “O capital”, em 1867.

A revolução industrial já tinha acontecido, no entanto, a revolução não ocorreu em escala mundial. Apropriando-se das tecnologias em desenvolvimento estava a Inglaterra, França e, longe daquelas terras, os Estados Unidos. O restante do mundo ainda mantinham suas principais fontes de renda vindas de uma agricultura feudalista. Por isso, diz Marx (2013, p. 78) para o objetivo de “investigar o modo de produção capitalista e suas correspondentes relações de produção e de circulação” é que ele escolheu a Inglaterra, por ter o “desenvolvimento dos antagonismos sociais” mais apurados. Entretanto, isso não é um problema para nosso objetivo histórico, pois o próprio Marx (Idem) afirma que “o país industrialmente mais desenvolvido não faz mais do que mostrar ao menos desenvolvido a imagem de seu próprio futuro”.

Sendo países desenvolvidos industrialmente, vale-se notar que a revolução agrícola ganha forças no século XX, com os primeiros implementos agrícolas e tratores, conforme registrados no documentário “Terra, suor e trabalho” (MACALPINE, 2009). Deste modo, os filmes abordados neste artigo dão ênfase a este período, condizente com as revoluções sociais vindas do campesinato, que fortaleceu a luta do ideal comunista e socialista em todo o mundo.

Antecedentes: a era do capital de Hobsbawm

Mil oitocentos e quarenta e oito, ano das revoluções, muito se esperava das transformações sociais consequente das lutas contra a monarquia e principado dominante nos reinados da Europa. Porém, a revolução fracassou: “elas ‘deveriam ter sido’ revoluções burguesas, mas a burguesia fugiu delas”, descreve Hobsbawm (2012, p. 53), historiador e escritor que fundamenta os antecedentes do século XX.

Hobsbawm descreve a história com infinita precisão, nos deixa claro os acontecimentos com tamanha realidade exposto a olho nu, podendo ser ouvido e visto as cores dos fatos nas linhas de seus livros: “A era das revoluções, 1789-1848”, “A era do capital, 1848-1875” e “A era dos impérios, 1875-1914”. Assim, apoderamos de “A era do capital” como fonte de dados históricos antecedentes a tese inicial deste artigo: estruturação do capitalismo.

Não se trata de destacar as mudanças dos sistemas econômicos da época – do feudalismo para o capitalismo –, mas arraigado a isso, ou dialeticamente, temos uma mudança na estrutura social, nas relações sociais: dos reinados para o capitalismo liberal. Contudo, a tese que se propõe, não destaca os anos de 1848 a 1875 como a era do triunfo do capital, mas sim, como a semente implantada para sua concretização no século XX.

A Revolução Industrial, ou mesmo, a era das revoluções e suas mudanças da estrutura social, bem dito por Hobsbawm (Ibidem, p. 16) é “quase que sobre a Inglaterra e a França”, principalmente pela Revolução Francesa e a “decapitação” de um sistema baseado em reis e vassalos. O Período do Terror marca uma fase de dúvidas perante o desconhecido: o que colocar no lugar do súdito? Ou: como acabar com a ganância dos reis e alimentar os miseráveis? Um novo sistema deve abraçar estas causas, o Estado deve suprir as necessidades de seu povo. Mas o povo, em geral, analfabeto politicamente, desconhece os limites de sua potencialidade enquanto sujeitos de direitos.

A burguesia ascende: políticos, mercadores, cientistas, nobres, a classe que vive entre o rei e o vassalo, assume o poder, com a mesma sede de poder e ganância que, antes, estava aos desígnios dos reis e do clero. A revolução não atingiu o miserável, nenhuma das revoluções atingiu o miserável que não seja para piorar sua condição de vida ou com a própria morte.

Mil oitocentos e quarenta e oito não foi diferente, o miserável continuou miserável. A era do capital se inicia, os avanços tecnológicos e da economia moderna, principalmente na França e na Inglaterra, pouco oferece melhorias aos outros países. Ambos lutavam pela busca de mercado estrangeiro, as colônias sulamericanas, africanas e asiáticas dariam o espaço necessário para a acumulação financeira.

A revolução acontecia nos grandes mercados, nas capitais, nas grandes cidades, a tecnologia das máquinas a vapor mudava o cenário dos céus, Londres era noite durante o dia. Nem todos usufruíram das potências das máquinas, a zona rural ainda adormecia com ceifas e enxadas.

Em nenhum outro lugar, exceto França, Bélgica, Saxônia, Prússia e Estados Unidos, mais de um dez habitantes vivia em cidades de 10.000 ou mais habitantes. Em meados e final de 1870, a situação havia-se modificado substancialmente, mas com algumas poucas exceções a população do rural ainda prevalecia em grande número sobre a urbana. Portanto, de longe, a maior parte da humanidade e os destinos da vida ainda dependiam do que acontecesse na e com a terra (HOBSBAWM, Ibidem, p. 266).

O capitalismo inicia, mas poucos fazem parte do jogo. O trabalhador pobre continua com sua labuta diária, tendo apenas uma vitória com a Revolução de 1848: a abolição da servidão. “[...] o medo da revolta no campo era suficientemente agudo para se transformar em realidade” (Ibidem, p. 41), a abolição foi uma forma de apaziguar o camponês na ascensão do movimento comunista que marchava “espontaneamente com bandeiras e tambores para repartir as grandes propriedades” (Idem).

Quando Hobsbawm, assim como Marx, retratam questões sociais que acontecem na França e Inglaterra, evidenciam uma organização enquanto Estado-nação, decorrentes das Revoluções Inglesas e Francesas. No entanto, países como Itália e Alemanha ainda se mantinham sobre os impérios, e buscavam, de algum modo, solidificar como nação, aí o propósito da filosofia idealista de Fichte, Schelling e, principalmente, Hegel.

Politicamente, a zona revolucionária era igualmente heterogênea. Excetuando-se a França, o que estava em jogo não era meramente o conteúdo político social desses Estados, mas sua forma ou mesmo existência. Os alemães lutavam para construir uma “Alemanha” – deveria ser unitária ou federal? – de um punhado de principados germânicos de vários tamanhos e características. Os italianos tentaram transformar o que o chanceler austríaco Metternich arrogantemente, mas não descuidadamente, descreveu como uma “mera expressão geográfica” – em uma Itália unida (HOBSBAWM, 2012, p. 36).

Na procura pela identidade nacional é que os impérios se uniram em uma única nação: “Toscana, Lombardia, Sardenha se uniram para dar forma ao Estado da Itália; Aragão, Navarra, Castela para formar o Estado Espanhol; Brandemburgo, Saxônia, Pomerânia para a Alemanha” (RODRIGUES FILHO, 2014, p. 15). Portanto, a “unificação de reinados vem para dar força a um poder, surgindo assim um novo modelo de organização social, o Estado: com sua bandeira, hino, margens, constituição, língua, culturas, entre outras” (Idem), mas para onde estes novos países iriam ampliar o mercado externo ascendente em um mundo ocupado por franceses e ingleses? Chegamos ao nacional-socialismo e as primeiras lutas armadas pela busca de espaço no cenário capitalista: a primeira guerra mundial.

Mackay (1917) não retrata apenas um dia de batalha na I Guerra Mundial, ele diz sobre a invasão de territórios, na tentativa de se ganhar espaços de mercantilização. Para isto, a vitória deve estar pautada na racionalidade, aproveitando dos conhecimentos de precisão: logística, estatística, cartografia, etc. com ferramentas de precisão: fuzis, canhões, mapas, etc. a I Guerra Mundial se torna um evento das precisões. A precisão adere a um discurso de sobrevivência: quanto maior a precisão, maior é a chance de eliminar o inimigo, ganhando então, seu espaço de mercado (RODRIGUES FILHO, 2014, p. 17).

A identidade nacional precisava contribuir com a ascensão da classe burguesa destes novos países, a ideologia fascista surge na promessa de acabar com a pobreza ocasionada pela economia internacional e pelo estrangeiro. Novamente a burguesia busca assumir o controle e quem paga é o pobre trabalhador. O capitalismo procura se adequar aos novos cenários que surgem, com suas solicitações e reivindicações em um mundo, ainda, em transformação.

A vida campesina em “A árvore dos tamancos”

O filme “A árvore dos tamancos”, do Diretor Ermanno Olmi (1978), explora a vida campesina no norte da Itália no final do século XIX, quando ocorre a transformação do sistema de vida pautado no feudalismo para o sistema de produção industrial.

Olmi apresenta o cotidiano de famílias que sobrevivem como meeiros nas propriedades de senhores feudais. O filme reproduz o estilo de vida do período: abordando a relação do sujeito com a terra, o sustento que provem do trabalho campesino, o acordo entre camponês e proprietário, a cultura local e, o mais interessante, as formas na qual se dá o vínculo coletivo das famílias.

O mosaico de Olmi é formado de histórias que se entrelaçam como o surgimento do amor entre um casal de jovens camponeses; o trabalhador idoso que pensa como fertilizar os tomates antes da época para buscar maior ganho; as diferenças entre as famílias, a disputa pela produção; e a força da religião que permeia a todos e alimenta suas almas (MEMÓRIA SINDICAL, p. 3, 2016).

O eixo central do filme está na família de Batisti, que deposita em um dos filhos a possibilidade de ter uma formação educacional, fato este de difícil possibilidade para a classe campesina da época. Contudo, Batisti confia nas palavras do padre local, sobre a capacidade do filho e, com todo esforço no trabalho, “luta para não transferir ao filho pequeno, o legado de suas duras vidas no campo, do trabalho incessante e da falta de acesso ao conhecimento” (Idem).

Nesta labuta, Olmi mostra a tragédia de um camponês na transição do século XIX para o século XX, onde ocorre uma grande mudança na sociedade civil (feudalismo para capitalismo). A força de vontade em educar o filho se esbarra em muitas dificuldades: distância até a escola, miséria, material, vestimentas, entre outras. Assim, a história se concretiza quando o menino, em uma ida para a escola, racha o seu tamanco de madeira. O pai, percebendo a dificuldade do filho, derruba uma árvore da fazenda para fazer um novo tamanco.

Na dicotomia entre camponês/patrão, o senhor feudal, no usufruto de seu poder enquanto proprietário das terras e de tudo mais que estava nela, pune a família de Batisti com a “demissão” do camponês.

A força de “A Árvore dos Tamancos” está em sua atemporalidade e universalidade. O retrato das vidas dos trabalhadores da Lombardia pode ser o retrato de milhões de trabalhadores no mundo atual. Mudam os artefatos, as tecnologias, a exploração do homem pelo homem; porém a equalização das desigualdades ainda representa um grande desafio para o sistema capitalista, que cada vez mais caminha, de forma vertiginosa, para uma vida tecnicista e alienante (Idem).

A demissão (ou expulsão, já que no feudalismo o contrato em forma de acordo simbólico está entre o trabalho e a divisão da produção agrícola, enquanto o contrato no capitalismo está no trabalho e consequente salário), ocorrido pela derrubada de uma árvore remete-se a Lei sobre o Furto de Madeira, descrito por Marx e Engels em 1º de novembro de 1842, nos primeiros artigos escritos para a Gazeta Renana (MARX; ENGELS, 2016, s/p.). O artigo discute o Direito à propriedade, trazendo em questão o usufruto das madeiras em terras particulares.

A Assembleia Estadual deve decidir se considera ser furto uma contravenção penal referente à madeira. Porém, se a Assembleia Estadual não declara ser furto uma contravenção penal referente à madeira, as pessoas poderiam acreditar que a

Assembleia Estadual não consideraria, realmente, ser furto uma contravenção penal referente à madeira (Idem).

Para além da discussão sobre o furto ou não de madeira “caída e apanhada no chão ou o recolhimento de madeira seca”, ou mesmo da “subtração de madeira verde, ainda de pé”, o assunto que emerge de tal questão expõe a maturação da propriedade privada frente o declínio das monarquias.

Batisti foi punido por cometer uma contravenção penal na derrubada de uma árvore (madeira verde) para produzir um tamanco, este ato “separada, com violência, de seu conjunto orgânico” (o tronco ou galho de sua raiz), ocasiona um “atentado cometido contra a árvore”, conseqüentemente, “um atentado evidente cometido contra o proprietário da árvore” (Idem). A terra e tudo aquilo que nela está possui um proprietário, atribuindo-se à propriedade, atribui-se também um Direito Privado. E tudo que se torna privado, torna também produto de seu senhor, como as “crianças das pessoas pobres que recolhem aqueles frutos”, ato que “desde tempos imemoriais é permitida pelos proprietários”, mas pelo presente avanço do capitalismo estes frutos “já se tornaram artigos comerciais e são enviados em barris para a Holanda”. A fruta é do senhor, e com ela se ganha um valor.

O surgimento de um Direito Privado traz à luz a luta de classes: pobres coletores de madeira e frutos versus o monopólio dos ricos sobre madeiras e frutos. Se a Revolução Francesa, mesmo que ideologicamente e utópica, voltou-se para a igualdade e a liberdade dos cidadãos franceses, a era do império colocou para “baixo do tapete” o projeto de democracia e o fim da divisão de classe.

Neste desvio da luta do proletariado, Marx escreve a Ruge em março de 1843 dizendo: “a Alemanha se atolou bem fundo no barro e afundará ainda mais” (MARX, 2010, p. 63), em referência ao imperador Frederico Guilherme IV e seu despotismo no Estado em desenvolvimento. Marx argumenta em outra carta a Ruge que:

Segundo ele², o Estado é uma “associação de família”, o qual – dizemos nós – pertence por herança e propriedade a uma família suprema, que se chama dinastia. Quanto mais fecunda se mostrarem as famílias, tanto mais felizes as pessoas, tanto maior o Estado, tanto mais poderosa a dinastia, razão pela qual, na Prússia em sua normalidade despótica, oferece-se um prêmio de cinquenta táleres pelo sétimo filho homem (Ibidem, p. 66).

Na era dos impérios, certeza foi o fracasso da revolução proletária, pois, acredita-se aqui, a grande massa social não se compunha de proletários com uma consciência revolucionária, mas de camponeses que não entendiam o simples funcionamento de uma ceifadeira mecânica. Segundo Lukács (2015, p. 79): “os camponeses não podem ter uma consciência de classe que corresponderia ao *nível* da consciência proletária” (grifos do autor). Esta impossibilidade, segundo Bukharin (apud LUKÁCS, Ibidem, p. 75), está na contrariedade: “diante dos proprietários de terras feudais, ele é uma classe, mas, na medida em que é alcançado e desagregado pelas relações capitalistas, deixa de ser”³.

Perante tal entrave, a despedida de Batisti e sua família, ocorrida sem nenhuma reivindicação ou mínima contrariedade por parte dele ou dos outros camponeses, mostra a falta de uma consciência de classe, a falta de luta pelo “fator comum”. A contrariedade, a nosso ver, repousa sobre a transição do processo de produção feudal para a capitalista: naquela, pertence a uma classe camponesa; nesta, um trabalhador rural (coletivo para o indivíduo); para Marx (2011, p. 145) a contrariedade, utilizando o

camponês francês, deriva da transformação “camponês feudal francês em camponês parceleiro”, fazendo de sua condição enquanto camponês se acabasse pela “própria parcela, a divisão do território” entre os camponeses, deixando de ser uma classe para serem senhores de suas terras.

Germinal e a indignação trabalhista

Germinal; Gérmen; Germe sm. 1. Ser no início da vida. 2. Ser vivo de tamanho pequeníssimo, que causa doença: micróbio. 3. Ponto de partida de fato: origem, causa. (SANTOS, 2001, p. 305) (grifo nosso).

O título do filme “Germinal” tem referência “ao processo de gestação e maturação de movimentos grevistas e de uma atitude mais ofensiva por parte dos trabalhadores das minas de carvão do século XIX na França em relação à exploração de seus patrões” (MACHADO, 2016, p. 1).

Uma obra literária de Émile Zola, dirigido por Claude Berri (1993). O filme apresenta um passo no ordenamento da industrialização, o modo de produção passa do feudalismo para o capitalismo, a tecnologia, o maquinário e a força de trabalho que compõe os modos de relacionamento entre as pessoas com o trabalho cada vez mais exploratório, visando à lucratividade do industrial.

Todos os membros das famílias trabalham, desde crianças até os mais idosos, porque precisam dos míseros salários para assim juntos conseguirem a subsistência de todos, sendo assim necessário quando acontece uma morte substituírem rapidamente o membro perdido no trabalho, pois, mesmo sendo uma só renda perdida reflete-se no sustento de todos os outros. Só os bem pequeninos não trabalham. A pobreza dos personagens é evidente, a situação que vivem é quase calamitosa, a cozinha não tem nada de comer, as crianças pedem comida, pão, a água causava-lhes cólicas devido às condições precárias as quais era armazenada (MACHADO, 2016, p. 1).

Germina, então, o “espírito” de luta contra as formas de dominação e exploração, fortalecendo a coletividade pela resistência da classe e pelo surgimento dos sindicatos. O filme nos parece antecessor a Revolução de 1848, contudo, as greves instauradas são um protótipo para o grande movimento de fevereiro de 1848, decorrente de “uma pobreza espantosa” (HOBSBAWM, 2010, p. 214), complicando-se, no filme, com o risco da demissão e pela contratação de mineiros belgas, estes, sem uma consciência de classe que instaurava nas minas.

O filme transcorre sobre uma luta: ora de discursos, ora armada contra a situação de trabalho, exploração do trabalhador pelo proprietário e daqueles que usufruem da miséria dos trabalhadores, como no caso do dono da mercearia. Nesta luta muitos acabam morrendo, o movimento que acontecia dentro das minas ganha maiores proporções com o envolvimento das mulheres dos mineiros. Por fim, a luta se torna um movimento social pela dignidade humana.

O combate de classes acaba sendo o gérmen para a conscientização da condição de vida do proletariado. O filme não apresenta um final vitorioso para o proletariado, mas sim, a semente lançada no solo dos embates sociais.

A sua razão amadurecida deixara de lado o rancor. Sim, já o dizia Maheude, com o seu extraordinário bom senso, seria um bom golpe, agrupar-se tranquilamente, conhecer-se, criar sindicatos, quando as leis o permitiram, e no dia em que todos estiverem unidos, o dia em que milhões de trabalhadores enfrentarão, com milhares de revolucionários tomar o poder, acabar com os patrões. Que amanhecer de verdade e justiça! Agora, no

céu o sol de abril brilhava com esplendor e aquecia a terra que dava frutos. Por todos os lados os grãos inchavam, cresciam, quebravam a casca necessitando de calor e de luz. A profusa seiva fluía num murmúrio, o ruído da semente se dava num grande beijo. Cada vez com mais força, como se estivessem mais perto da terra, os companheiros batiam. Por baixo dos ardentes raios de sol, nesta manhã juvenil, era deste rumo que a terra estava necessitando. Os homens cresciam, um negro exército vingador brotava lentamente nos sulcos e frutificava para ser recolhido nos séculos vindouros e aquela germinação depressa iria rebentar na terra (BERRI, 1993, 147 min.).

O “Germinal” é apresentado neste artigo para fortalecer a tese da contrariedade apresentada no subtítulo anterior: proletariado e camponês. Encerramos tal subtítulo discutindo sobre a inexistência de uma consciência de classe camponesa. De fato ela é real ainda hoje. Porém, o “Germinal” complementa esta falta de consciência também para o proletariado: ora para os belgas, ora para os próprios trabalhadores franceses.

O “Germinal” corrobora com a temática do desenvolvimento industrial na França e na Inglaterra, este, um dos motivos que fez Marx utilizar a produção capitalista inglesa.

Conforme descrito por Marx (2013, p. 78), no primeiro prefácio de “O capital”, escrito em 25 de julho de 1867: “é mais fácil estudar o corpo desenvolvido do que a célula que o compõe”. Assim, estudar um filme francês com uma indicação social já industrializada, contrapõe a forma camponesa/feudal da Itália e na Alemanha.

Apesar disso, os primeiros passos para o nascimento do fascismo e das razões para a primeira e segunda guerra mundial, estão alicerçados neste processo. A priori, diz Marx (2013, p. 78): “o país industrialmente mais desenvolvido não faz mais do que mostrar ao menos desenvolvido a imagem de seu próprio futuro”. No entanto, para o apogeu da industrialização é necessário que a fórmula: mão de obra mais produção de bens (comercializados) gere a mais-valia. Se a fórmula não traz resultados, o proprietário não tem seu lucro. A comercialização é a essência do lucro. Mas buscar comercializar em um espaço monopolizado por franceses e ingleses, torna o negócio não muito rentável. A burguesia precisa buscar espaços. Entramos no século XX com tal objetivo.

1900: as décadas seguintes da concretização do capitalismo

“Novecento” é um filme italiano produzido por Bernardo Bertolucci (1976). Em quatro horas de filme, Bertolucci apresenta a história do movimento camponês na Itália, desde o início do século XX à ascensão do fascismo até o fim da Segunda Guerra Mundial.

A obra prima de Bertolucci tem como fundo a vida de “Olmo Dalcò, de origem humilde e filho bastardo de uma das trabalhadoras da fazenda, e Alfredo Berlinghieri, neto do patrão e dono da fazenda, das terras e indiretamente, das vidas dos que dela dependem” (FILMESCULT, 2016 p.1). Estes dois personagens, na qual o filme apresenta desde o nascimento até a velhice, representam a luta de classe entre o camponês e o burguês, o proletariado e a burguesia.

De forma magistral, o desenrolar do filme mostra a figura dos dois personagens caminhando juntos, mesmo tendo suas diferenças. Uma metáfora das classes sociais, sob a perspectiva das singularidades dentro do mesmo universo, mantendo um relacionamento próximo e amigável, mas sem

esquecer-se do poder existente de um sobre o outro. Caminham juntos como amigos, porém, são sistemas contrários.

Bertolucci constrói o filme como se ambos necessitassem um do outro, de fato, a metáfora na vida real confirma a existência da riqueza desde que haja, necessariamente, a miséria. E, assim, temos de um lado a ascensão comunista vivenciado pela conscientização camponesa, do outro, surge o fascismo como movimento do pequeno burguês para firmar o poder capitalista como, também, concretizar o projeto de Estado italiano e sua identidade nacional – nacional-socialismo –, a “obra se centra no nascimento do fascismo, apoiado, idealizado e mantido pelos grandes capitalistas, em especial os poderosos latifundiários que veem a diminuição de seu poder ante a crescente ideologia comunista” (Idem).

Socialmente, sin embargo, el fascismo tiene su base em la pequeña burguesia urbana y em una nueva burguesia agraria surgida de una transformación de la propiedad rural em algunas regiones. Este hecho, y el hecho de haber encontrado una unidad ideológica y organizativa em las formaciones militares em las que revive la tradición de la guerra y que sirven para la guerrilla contra los trabajadores, permiten al fascismo concebir y llevar a cabo un plan de conquista del Estado em contraposición a las viejas capas dirigentes (GRAMSCI, 1979, p. 199).

Marx (2005) diz no “Manifesto comunista” sobre as novas necessidades advindas com o capitalismo, para ele, “surtem novas demandas, que reclamam para sua satisfação os produtos das regiões longínquas e de climas os mais diversos” (p. 43). Isso dentro de uma Alemanha e Itália em ebulição econômica faz procurar espaços de mercantilização, porém, em um cenário mundial já ocupado por ingleses e franceses e suas colônias.

No lugar do antigo isolamento de regiões e nações autossuficientes, desenvolvem-se um intercâmbio universal e uma universal interdependência das nações. As criações intelectuais de uma nação tornam-se patrimônio comum. A estreiteza e a unilateralidade nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis; das numerosas literaturas nacionais e locais nasce uma literatura universal (Idem).

O projeto, então, consiste em lutar por estes lugares longínquos ou próximos, instaurando uma ideologia do outro como terror (o judeu para o nazista, o imigrante para a Europa, o Oriente Médio para os Estados Unidos, o haitiano para o Brasil, o proletário para o burguês, entre outros), a ideologia preconizada pela burguesia e acatada por uma classe alienada às questões sociais e políticas (pseudoconcretidades, segundo Kosik, (2011)).

Movimentos típicos de homens-massa dirigidos, como todos os que o são, por homens medíocres, extemporâneos e sem memória extensa, sem "consciência histórica", comportam-se desde o início como se houvessem passado já, como se sucedendo nesta hora pertencessem à fauna de antanho (ORTEGA Y GASSET, 2013, p. 97).

Na estabilização e consolidação do Estado-Nação, fundamentada pelo viés democrático e antiliberal, e conservada pela perpetuação de valores nacionalistas, numa ideologia que fortifica a união da massa para a sustentação do horror ao outro, mesmo que este outro seja o próprio “irmão”, como os judeus nascidos em território alemão, seja expurgada sua ideologia que contrapõe os pensamentos de uma burguesia que procura se enraizar no berço da “civilização” (MARX, 2005). Mas não sabe ela que sua

vitória depende em “apelar para o proletariado, a recorrer a sua ajuda e desta forma arrastá-lo para o movimento político” (Ibidem, p. 48).

Nesta apelação, “a burguesia fornece aos proletários os elementos de sua própria educação política, isto é, armas contra ela própria” (Idem). Possibilitando a emancipação política do proletário, tornando-o crítico à sua condição de vida e militante contra a ditadura burguesa.

El método fascista de defensa del orden, de la propiedad y del Estado es, más aunque el sistema tradicional de los compromisos y de la política de izquierda, disgregador de la solidaridad social y de sus superestructuras políticas. Las reacciones en el campo económico como en el campo político (GRAMSCI, 1979, p. 200).

Por isso, o filme é icônico no demonstrar este movimento burguês e proletário, também na estruturação do Estado Italiano no processo de hegemonia perante as grandes potências da época: França e Inglaterra. Na unificação das províncias, como já mencionado na “era do capital” de Hobsbawm, é medida para sustentar a ideologia capitalista em ascensão na futura Itália e Alemanha.

Outro ponto importante para o filme, e talvez a mensagem de Bertolucci, está na cena final do filme. Com a vitória do movimento camponês contra o senhor feudal, o controle das terras passa a ser dos camponeses, porém, não se dá o fim da luta de classes. A cena final transcorre na luta de Alfredo e Olmo, o embate ideológico entre comunismo e capitalismo, esta cena que inicia quando os personagens estavam na fase adulta, transcorre para a velhice. Como se a luta dos sistemas transcorresse por todo o século XX, por fim, a cena final supõe o suicídio de Alfredo nos trilhos de trem, como sendo o fim do capitalismo, mas, igualmente, com o comunismo a beira da morte.

Considerações finais e notas introdutórias sobre o “fascismo” do século XXI no Brasil

As três obras primas passam uma mensagem: a necessidade de uma nova ordem social que tem como base a dignidade da pessoa. Para isso, o “Germinal” refuta o ideal capitalista e lança a semente do comunismo para lutar pela dignidade. Em “1900” a mesma história se sucede: a necessidade em dar fim à divisão de classe e toda a humilhação e miséria que estão em questão na dicotomia entre burguesia e proletariado, o senhor das terras e o camponês, capitalismo e comunismo. “1900” deixa a mensagem que o capitalismo está com seus dias contados, através de seu próprio suicídio – crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2011b) -, no esgotamento da exploração trabalhista e dos recursos naturais. No entanto, socialismo e comunismo segue o mesmo caminho, perante os erros cometidos por ditadores como Mao Tsé-Tung, Stálin, Fidel Castro, Kim Il-sung; Kim Jong-il e Kim Jong-un.

A nova ordem social, pautada na dignidade da pessoa, com o fim da divisão de classes, precisa ser reinventada ou resgatada dos pensamentos originais de Marx e Engels, aplicando o sentido concreto de sociedade comunista.

Tal como a história tem nos mostrado até o momento, a ascensão fascista se dá pela procura de espaços mercadológicos utilizando como aparato a ideologia nacional-socialista.

No Brasil do século XXI, temos a ascensão de uma suposta classe com alegoria a esta mesma ideologia fascista (TIBURI, 2015). Primeiramente, esta ascensão mantém raízes no ideal de buscar espaços

e, após a conquista do “lugar ao sol”, se manter nela. Sua gênese ocorre com a crise de 2008 em diversos países desenvolvidos (EUA, Europa e Japão), consolida-se como sendo uma crise estrutural do capital. Como disse José Paulo Netto (2009, p. 9): "Marx descobriu a impossibilidade de o capitalismo existir sem crises econômicas". Assim, a crise de 2008 foi uma fissura no pilar da estrutura (como ocorreu em 1929, 1973, 1998 etc.) que, rapidamente, tem sua manutenção pelos reboques aplicados na tentativa de garantir a estrutura.

Ora, o que foi a crise de 2008? Quais foram suas consequências para o Brasil? A crise foi desencadeada nos bancos americanos, com o chamado *New Wall Street System*, “os bancos entraram no mercado de títulos realizando empréstimos de fundos para investidores” (RODRIGUES FILHO, 2015, p. 113). Procurando o maior faturamento, os bancos necessitavam estimular os investidores, fizeram isso com o mercado imobiliário, “através das *especulações* - gerar bolhas - e depois as estouravam ganhando muito com empréstimos” (Idem).

Desta forma, com o sistema financeiro em crise, o mercado procura espaços, e encontra nos países subdesenvolvidos um alento momentâneo para ancorar seus investimentos. Segundo Mészáros (2011a, p. 176) "enquanto existir objetivamente espaço para a livre expansão, o processo de deslocamento das contradições do sistema pode avançar sem empecilhos" (p. 176), e avançaram para os países que fazem o bloco chamado BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), “tendo o último se convertido na terceira maior economia do mundo" (SINGER, 2009, p. 2).

A crise estourou nos Estados Unidos, como já vimos, pelo excesso de dívidas decorrentes de empréstimos para investidores no mundo todo, basicamente, o *boom* da bolha imobiliária - *subprime* - estadunidense que afetou com as bolsas do mundo todo. Da mesma forma aqui no Brasil, entretanto, para os países subdesenvolvidos fora uma "oportunidade" (mesmo sendo momentânea) e isto ocorreu com o mesmo pensamento que provocou a crise, pois os países subdesenvolvidos se tornaram os olhos dos investidores (RODRIGUES FILHO, 2015, p. 116) (grifos do autor).

Durante o governo Lula, o crédito para famílias de baixa renda e sem comprovação e garantias (*subprime*), alavancaram as condições sociais no Brasil. Conforme Singer (2009):

Políticas igualmente importantes para o combate à crise são as sociais, que visam reduzir a pobreza e a exclusão social. Fazem parte dessa categoria a construção de habitações para as camadas de baixa renda, a ampliação da rede escolar pública, o calçamento das ruas e a reurbanização de favelas nas periferias das cidades, e assim por diante. Quase todos os governos latino-americanos e caribenhos estão realizando programas dessa espécie, evidentemente dentro dos limites dos seus orçamentos e da possibilidade de expansão da dívida pública (p. 3).

Essas políticas dão condições para que trabalhadores possam adquirir bens que antes eram imagináveis. Na discussão se existe ou não uma nova classe média no Brasil, decorrente dessas melhorias nas condições materiais destes trabalhadores (POCHMANN, 2012; SOUZA, 2009; 2011), afirma-se sobre o surgimento de uma nova classe trabalhadora, um batalhador que acredita nas melhorias através do trabalho árduo.

[...] esta consciência de que tem que trabalhar exaustivamente no dia a dia é reproduzida, passada de geração para geração como de fosse um dogma, ou um karma na vida do sujeito, por isso, obriga os filhos a estudarem para buscar uma vida mais abastada, porém seus filhos cumprem o que falam, mas da mesma forma do batalhador:

acordam cedo, vão para um trabalho um pouco melhor que o do pai, mesmo porque ele já possui o ensino fundamental ou médio, retornam para casa, comem alguma coisa rápida e voltam a labutar na sala de aula, algum estudo técnico, algum curso do EJA, alguma faculdade a distância, ou presencial desde que seja ajudado com Prouni, ou qualquer outro tipo de bolsa (RODRIGUES FILHO, 2015, p. 150).

Mesmo estando fora das características simbólicas de uma classe média, esta classe de trabalhadores consegue conquistas e, replicantes da ideologia capitalista individualizada, se protegem para que outros trabalhadores não ocupem seus espaços. Há então um ríspido discurso ofensivo para aqueles que procuram o mesmo “lugar ao sol”: migrantes, imigrantes, desocupados, marginalizados, excluídos.

Esse desrespeito ao outro cria uma violência simbólica (em algum ponto: física), um estado de pujança agressão à dignidade humana. O sentimento fascista: do nacionalismo expresso pelas camisas da seleção brasileira em manifestações, da defesa da família nuclear, contra homossexuais, contra haitianos e bolivianos, pela volta do militarismo, no discurso de ódio a Presidente Dilma Rousseff.

Nas palavras de Marx e Engels (2005):

Os socialistas burgueses querem as condições de vida da sociedade moderna sem as lutas e os perigos que dela decorrem fatalmente. Querem a sociedade atual, mas eliminando os elementos que a revolucionam e dissolvem. Querem a burguesia sem o proletariado. A burguesia, naturalmente, concebe o mundo em que domina como o melhor dos mundos. O socialismo burguês elabora em um sistema mais ou menos completo essa concepção consoladora. Quando convida o proletariado a realizar esses sistemas e entrar na nova Jerusalém, no fundo o que pretende é induzi-lo a manter-se na sociedade atual, desembaraçando-se, porém, do ódio que sente por essa sociedade (p. 65).

A crise da estrutura, propriamente dita, ocorrerá quando os pilares cheios de reboques não se sustentarão. Talvez isso, seja possível quando a classe trabalhadora (proletariado) tenha consciência do lugar que é colocado perante os desejos da supremacia burguesa.

Assim, mesmo não ocorrendo uma conscientização coletiva do proletariado, encontramos movimentos que ainda resistem no desejo de uma ditadura do proletariado, são pequenos explosivos colocados nos pilares da estrutura: haverá um dia em que a casa cai.

Referências

- ARICÓ, José. **Los cuatro primeros congresos de na internacional comunista**. Córdoba: Siglo XXI/Ediciones Pasado y Presente, 1973.
- BERRI, Claude. **Germinal**. 158 min. França, 1993.
- BERTOLUCCI, Bernardo. **1900**. 315 min. Itália, 1976.
- GRAMSCI, Antonio. **Sobre el fascismo**. Ciudad de México: Ediciones Era, 1979.
- HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções, 1789-1848**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital, 1848-1857**. 2. ed. 5. reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Trad. de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.
- LUKÁCS, György. **Reboquismo e dialética: uma resposta aos críticos de “História e consciência de classe”**. Trad. de Nélio Schneider; Michael Löwy; Nicolas Tertulian. São Paulo: Boitempo, 2015.

- MACALPINE, James. **Terra Suor e Trabalho**: a história da agricultura no Reino Unido. 60 min. Reino Unido, 2009.
- MACHADO, João Luís de Almeida. **Germinal: trabalhadores despertos**. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br>. Acessado em: 20 jun 2016.
- MACKAY, R. L. [1917]. Operações. In: **O diário de Robert Lindsay Mackay - Ypres 1917**. Disponível em: <http://www.firstworldwar.com/diaries/rm4.htm>. Acessado em: 24 jun 2012.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. 4ª. reimp. Trad. de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Sobre o direito e o Estado, os juristas e a justiça**. Disponível em: <http://www.scientific-socialism.de>. Acessado em: 14 set 2016.
- MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Trad. de Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica economia política, livro I. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. Trad. de Daniel Bensaïd; Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MEMÓRIA SINDICAL. **A árvore dos tamancos**. Disponível em: <http://www.memoria>
- MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. Trad. Francisco Raul Cornejo; et al. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011b.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Trad. Paulo Cezar Castanheira; Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011a.
- NETTO, José Paulo. Introdução ao método da teoria social. In: BOSCHETTI, Ivanete Salete. (orgs.). **Serviço Social**: Direitos sociais e competências profissionais. Brasília: 2009.
- OLMI, Ermano. **A Árvore dos Tamancos**. 185 min. Itália/França, 1978.
- ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2006.
- POCHMANN, Márcio. **Nova classe média?**: o trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.
- RODRIGUES FILHO, Luciano Ferreira. **O trabalhador do corte de cana no Norte Pioneiro do Paraná: o fim da atividade e os sentidos do trabalho**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, São Paulo, 2015. 209 f.
- RODRIGUES FILHO, Luciano Ferreira. **Trabalho, história e sociedade**: as configurações sindicais em um universo neoliberal. Monografia. Especialização em História, Cultura e Sociedade. Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP. Jacarezinho-PR: UENP, 2014.
- SANTOS, Geraldo Mattos Gomes dos. **Dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. São Paulo: FTD, 2001. sindical.com.br. Acessado em: 20 jun 2016.
- SINGER, Paul. A América Latina na crise mundial. **Estud. av.**, v. 23, n. 66. São Paulo, 2009.
- SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- TIBURI, Márcia. **Como conversar com um fascista**: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 4ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- WNENDT, David. **Ele está de volta**. 116 min. Alemanha. 2015.

Notas:

1

² Heinrich Zöpfl (1807-1887), autor do Direito Constitucional na Alemanha, de 1848.

³ Durante o II Congresso Internacional Comunista foi proclamado que: “sólo el proletariado urbano e industrial, dirigido por el Partido Comunista, puede librar a las masas trabajadoras rurales del yugo del capital y de la gran propiedad agraria de los terratenientes, de la ruina económica y de las guerras imperialistas, inevitables mientras se mantenga el régimen capitalista. Las masas trabajadoras del campo no tienen otra salvación que su alianza con el proletariado comunista y apoyar abnegadamente su lucha revolucionaria para derribar el yugo de los terratenientes (grandes propietarios agrarios) y de la burguesía” (ARICÓ, 1973, p. 176).

Recebido em: 02/10/2017

Aceito em: 15/11/2017